O *continuum* flexão-derivação

Nos capítulos anteriores, constatamos que os critérios objetivos nem sempre fornecem distinção segura e eficaz porque (a) conduzem a agrupamentos contraditórios e (b) outras vezes caracterizam tanto o que distingue quanto o que aproxima a flexão da derivação. Podemos assumir, com Bybee (1985), que as diferenças entre as duas morfologias são de grau, somente. Nessa perspectiva, flexão e derivação constituiriam processo único, gradiente, e as operações morfológicas estariam dispostas ao longo de uma escala, cujos extremos seriam, na verdade, apenas protótipos.

Para implementar uma proposta que neutralize as diferenças entre flexão e derivação, é necessário formular um conjunto de princípios que determinem os significados flexionais possíveis, a ordem dos afixos no interior da palavra e eventuais fusões na expressão morfológica. Neste capítulo, apresentaremos as ideias de Bybee (1985) sobre o binômio flexão/derivação e os princípios de que a autora se vale para defender a prototipicidade na morfologia das línguas naturais. A seguir, aplicamos essa proposta ao português, analisando a estrutura e os significados das formas verbais.

Breve definição de protótipo

Para Bybee (1985), a categorização linguística se processa na base de protótipos (exemplares típicos, representantes modelares). A autora observa que membros de uma classe morfológica (no caso, a flexão) podem apresen-

tar atributos idênticos aos encontrados em representantes de outra classe (a derivação), sendo sutis as diferenças entre eles e, consequentemente, entre suas classes.

Para Taylor (1995), a prototipicidade é manifestação de duas propriedades fundamentais da categorização: a falta de identidade absoluta entre elementos de uma mesma classe e a flexibilidade desses elementos e dessa classe. As dificuldades de demarcar fronteiras entre representantes de uma categoria e entre categorias decorrem do fato de os atributos definidores não serem obrigatoriamente binários e os limites entre as categorias, nem sempre intransponíveis.

No que diz respeito à flexão e à derivação, há afixos mais centrais e outros mais periféricos no interior de cada uma dessas classes morfológicas. Desse modo, o protótipo pode se referir tanto ao membro central da categoria flexão quanto à representação esquemática do que se espera da derivação. A proposta de Bybee (1985) consiste na formulação de uma escala de prototipicidade e na identificação dos matizes caracterizadores dos exemplares modelares desses dois tipos de operação morfológica.

O comportamento irregular dos representantes de uma classe é chamado de gradiência (Taylor, 1995). Categorias linguísticas são definidas por um conjunto de atributos, que, no entanto, muitas vezes não se aplicam a todos os membros da classe. A tabela em (01), a seguir, ilustra o que entendemos por gradiência. Nessa matriz, são arrolados, nas colunas, os atributos (A, B, C, D) que caracterizam uma classe hipotética. Nas linhas, são listados quatro elementos (1, 2, 3, 4) que pertencem a essa classe. Observe-se que apenas a primeira forma apresenta-se como representante modelar da categoria, uma vez que satisfaz (+) todos os requisitos especificados na matriz:

(01)

	A	B	C	D
1	+	+	+	+
2	+	+	+	–
3	+	+	–	–
4	+	–	–	–

A matriz em (01) evidencia que determinados membros, por portar maior número de características da classe, são bem mais representativos que outros.

Podemos afirmar, com base na representação em (01), que a primeira forma é o protótipo e que a categoria em questão é escalar, uma vez que reúne elementos com menor grau de pertencimento ao conjunto.

A hipótese da relação nula entre afixo e significado: os morfes ∅

Contrariando a hipótese da relação nula entre afixos e significados (Peterson, 1979), Bybee (1985) sustenta a tese de que a manifestação morfológica é determinada pela natureza do conteúdo: há relação direta entre a informação semântica veiculada morfologicamente e os tipos de expressão com que esse significado se atualiza.

Bybee (1985) fornece evidências interlinguísticas de que distúrbios no mapeamento morfe-morfema não são inteiramente arbitrários. Para a autora, problemas de mapeamento forma-significado em morfologia, como o morfe ∅, são explicáveis do ponto de vista cognitivo e, por isso mesmo, a arbitrariedade envolvida na expressão morfológica é menor do que parece. Morfes ∅ – morfemas sem realização fonológica – revelam que a natureza do significado determina a ausência de formas como expoente da informação morfológica.

Categorias gramaticais básicas (ou cognitivamente mais simples) com frequência deixam de apresentar expressão formal nas línguas do mundo. Para Bybee (1985), a ocorrência de morfemas sem manifestação fonológica é psicologicamente motivada, uma vez que zeros caracterizam categorias não marcadas (Jakobson, 1966), ou seja, conteúdos gramaticais a partir dos quais outros podem ser explicitados.

Em português, o número singular, o gênero masculino, o tempo presente e a terceira pessoa do singular são significados gramaticais que não se realizam foneticamente. O morfe ∅ representa, em todos esses casos, os membros mais genéricos da categoria gramatical. Por exemplo, uma forma de masculino pode ser utilizada com referência a seres de ambos os sexos, como se observa em (02):

(02) O gato é um animal mais arredio que o cachorro.

Em (02), a forma 'gato', por significar "uma espécie de felinos", não necessariamente veicula a ideia de masculino. O acréscimo do afixo *-a* tornaria a referência mais definida, caracterizando somente o animal do sexo feminino. Como zeros morfêmicos manifestam significados mais básicos, é natural encontrar formas com ∅ neutralizando oposições entre membros de determinada categoria gramatical. No exemplo a seguir, a forma verbal flexionada não expressa, sozinha, a ideia de tempo. Observe-se que um advérbio foi utilizado para assegurar a informação de futuridade:

(03) Amanhã, eu faço o dever de casa.

Para Bybee (1985), zeros não constituem distúrbio no mapeamento morfe-morfema porque são explicáveis do ponto de vista cognitivo e dão mostras de que a natureza do conteúdo determina a ausência de marcas morfológicas. Não é mera coincidência (ou obra do acaso) o fato de inúmeras línguas apresentarem os mesmos zeros: somente significados conceptualmente mais genéricos (não marcados) aparecem representados por ∅ nas línguas do mundo,[1] o que contraria a hipótese de Peterson (1979), para quem é inteiramente imotivada a relação entre forma afixal e significado.

Com o propósito de determinar os significados flexionais possíveis, é necessário, antes de qualquer coisa, descrever como conteúdos semânticos são combinados em unidades de expressão. É o que fazemos no próximo item.

Unidades de expressão e fusões de significado

Dois ou mais conteúdos podem materializar-se através de três tipos básicos de expressão linguística: a lexical, a flexional e a sintática. Essas espécies de manifestação formal não são discretas, pois existem expressões intermediárias (Bybee, 1985: 21), como veremos mais adiante. Antes, porém, caracterizemos, pelo grau de fusão, cada uma das formas de expressão analisadas por Bybee (1985).

Na **expressão lexical**, dois ou mais significados são veiculados num vocábulo monomorfêmico. Nesse caso, unidades de conteúdo são representadas lexicalmente numa só palavra, indivisível em partes mínimas significativas. É o que acontece, por exemplo, com o substantivo 'ladrão', que atualiza os conteúdos "agente" e "roubar", e com o adjetivo 'feio', caracterizado pela combinação dos significados "bonito" e "contrário". Em 'sambar' também há dois conteúdos semânticos fundidos numa só forma: "dançar" e "samba". Em (04), fornecemos outros exemplos de expressão lexical:

(04)	triste (alegre + negação)	horrível (feio + muito)
	subir (andar + para cima)	cardume (peixe + grupo)
	nora (sogro + feminino)	ótimo (bom + muito)

O segundo tipo de expressão é **a flexional**. Nesse caso, cada elemento semântico se manifesta numa unidade individual de expressão no interior de uma palavra morfologicamente complexa. Ao contrário do primeiro tipo de expressão, há, na flexional, reconhecimento de formas mínimas significativas, uma vez que a palavra pode ser fatiada em partes discretas de forma e conteúdo. Em 'livros', por exemplo, há dois significados ("livro" e "plural"), mas cada um se materializa numa unidade formal diferente – o primeiro na base nominal 'livro' e o segundo no afixo *-s*. Vejam-se outros exemplos de expressão flexional em (05):

(05)	administr-o	(administrar + eu + presente)
	administra-ndo	(administrar + imperfectivo)
	administrador-a	(administrador + feminino)

Há, por fim, **a expressão sintática** (ou perifrástica). Nesse último tipo, duas ou mais ideias são expressas em palavras independentes e separadas. Assim, 'dançar um samba' é a expressão sintática de 'sambar', da mesma forma que 'urso fêmea' é a expressão sintática de 'ursa'. Não há, nesses casos, qualquer tipo de fusão, uma vez que cada significado é representado por um item lexical distinto. Mais exemplos podem ser vistos em (06):

(06)	ficar pobre	(empobrecer)
	conjunto de bois	(boiada)
	fêmea do tigre	(tigresa)
	irei cantar	(cantarei)

Por marcar regiões de um *continuum*, esses três meios de materialização não são discretos, havendo expressões intermediárias. Entre as expressões

flexional e perifrástica, ocorrem várias unidades com propriedades sintáticas e morfológicas, simultaneamente. Como vimos no primeiro item do capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação", clíticos se assemelham às flexões por (a) formar uma classe fechada de elementos, (b) contrastar categorias gramaticais e (c) ocorrer numa posição adjacente ao verbo. No entanto, diferem das flexões porque são unidades soltas, isto é, não são partes constitutivas do verbo de que dependem.

Na classificação de Mattoso Câmara Jr. (1970), clíticos são formas dependentes, ou seja, são unidades que não podem funcionar sozinhas como comunicação suficiente, mas, em decorrência da mobilidade posicional, não são completamente presas à forma verbal em que se hospedam. Como as flexões, esse grupo de partículas forma uma classe fechada e veicula informação gramatical. Clíticos, portanto, são manifestações intermediárias entre as expressões flexional e sintática.

A derivação constitui expressão intermediária entre a lexical e flexional. De acordo com Bybee (1985: 12), a derivação se assemelha à expressão lexical porque seus elementos são *restritos na aplicabilidade e idiossincráticos na formação ou no significado*. Em comum com a expressão flexional, a derivacional também se caracteriza pela combinação de conteúdos numa única palavra segmentável em unidades mínimas significativas, como nos exemplos em (07):

(07)	boi-ada	(boi + grupo)
	escreve-nte	(escrever + agente)
	in-grato	(grato + negação)
	en-riqu-ecer	(rico + ficar)

Levando em conta o grau de fusão entre elementos semânticos e expressão linguística, Bybee (1985) chega à seguinte escala:

(08)

|---------- >> ---------- >> ---------- >> ---------- >> ----------|

Lexical derivacional flexional clítica sintática

>>>>> menor grau de fusão

Uma questão imediatamente se coloca quando observamos a representação em (08):[2] é possível fazer algum tipo de previsão quanto ao relacionamento entre conteúdo e expressão linguística? Em outras palavras, há algum tipo de motivação entre significado e meio de materialização?

As expressões intermediárias da escala em (08) não são totalmente arbitrárias no que diz respeito ao significado, isto é, não constitui inventário tão aberto o número de conteúdos com manifestação derivacional-flexional-clítica nas línguas do mundo. Esse número se reduz ainda mais quando observamos o centro da escala – a expressão flexional. Para Bybee (1985), há forte relação entre manifestação flexional e significado, o que justifica buscar princípios gerais que regulem esse tipo de expressão linguística.

Antes de levantar os princípios que determinam a expressão flexional, é necessário definir com precisão o que foi considerado flexão nas cinquenta línguas da amostra de Perkins que Bybee (1985) analisou. O que a autora considerou flexional corresponde ao que Mathews (1974) denominou de categoria morfossintática: conjunto de elementos semânticos mutuamente contrastantes que se aplica obrigatoriamente a todas as palavras de uma mesma classe sintática, como o número, nos nomes, e o tempo, nos verbos.

Determinantes da expressão flexional

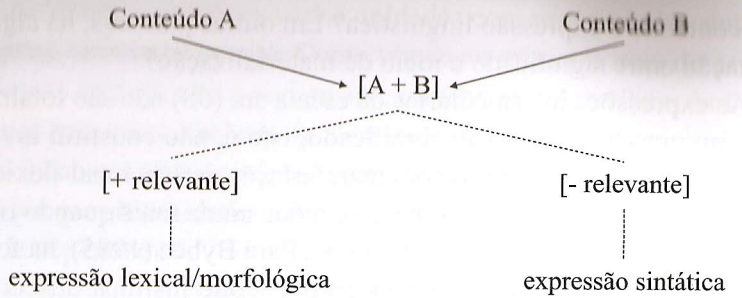
O primeiro princípio que regula a expressão flexional é o da relevância, definido, por Bybee (1985: 13), da seguinte maneira:

(i) **Princípio da relevância**: um elemento de conteúdo é relevante para outro se seu conteúdo afeta ou modifica diretamente o conteúdo do outro. A relevância, no entanto, depende de questões culturais.

Várias generalizações podem ser feitas a partir do princípio formulado em (i). Em primeiro lugar, a relevância condiciona o tipo de expressão que conteúdos combinados vão apresentar: lexical, morfológica (flexional ou derivacional) ou sintática. Em segundo lugar, a máxima apresentada em (i) evidencia não ser a relevância de caráter universal, pois, nas palavras de Bybee (1985), *depende da saliência cultural ou cognitiva*.

Quando dois conteúdos são altamente relevantes um para o outro, é provável que sejam representados lexical ou morfologicamente. Ao contrário, quando não são muito relevantes, é mais natural que a expressão utilizada seja a sintática, como se vê no esquema a seguir:

(09)



A noção de direcionalidade é altamente relevante para conteúdos verbais. Significados como "para cima", "para baixo", "para trás" e "para frente" são de extrema importância para verbos de movimento, como 'andar', por exemplo. Uma vez que esses conteúdos afetam ou modificam diretamente a ação verbal, encontramos, em (10), a seguir, expressões lexicais para a combinação desses significados com o de 'andar':

(10)

subir	'andar para cima'
descer	'andar para baixo'
voltar	'andar para trás'
seguir	'andar para frente'

O significado "companhia" não é tão relevante para o conteúdo de verbos, visto não se referir propriamente à ação/estado, mas aos participantes. Por isso, é mais provável que essa combinação seja representada sintaticamente. Expressões como "subir com Fulano", "descer na companhia de Beltrano" e "Beltrano e Sicrano voltaram" evidenciam que a combinação do significado de 'andar' com "companhia" se manifesta por expedientes sintáticos. Portanto, quanto mais relevantes os conteúdos, maior a probabilidade de expressão morfológica ou lexical. Em contrapartida, quanto menos relevantes os significados, menor a chance de atualização numa só unidade lexical, morfologicamente complexa ou não.

Como a relevância é relativa, dois significados são importantes um para o outro se *sua combinação nomeia algo com alta saliência cognitiva ou cultural* (Bybee, 1985: 14). Por esse motivo, diferentes padrões de lexicalização[3] são encontrados nas línguas do mundo, uma vez que os vocabulários não são isomórficos (Lyons, 1987). Condizente com a hipótese Sapir-Whorf,

a relevância cria expressões lexicais não necessariamente idênticas de uma língua para outra.[4]

Em nossa cultura, o ritmo musical é altamente relevante para conteúdo "dançar" e, por isso, existem expressões lexicais caracterizadas pela fusão dos significados "dançar" e "ritmo", como constatam os dados em (11), a seguir. Se, por um lado, é relevante "o que se dança", por outro, é menos importante "onde se dança". O uso de estratégias sintáticas para representar essa última combinação de significados confirma a baixa relevância do conteúdo "local" para o conteúdo "dançar": "dançar em um show", "dançar em uma festa" ou "dançar na casa de alguém". Os verbos em (11) confirmam que os significados "dançar" e "estilo musical" aparecem fundidos numa só unidade de expressão:

(11)

sambar	pagodear	lambadear	forrozear
valsar	sapatear	salsar	merenguear

As expressões lexicais resultantes da fusão de "dançar" com a de "ritmo" evidenciam que o gênero musical é saliente na cultura brasileira. Em outras línguas, essa combinação é representada sintaticamente, a exemplo do inglês (por exemplo, 'to dance a jazz') e do espanhol ('danzar el merengue').

Criações analógicas também podem ser explicadas pelo princípio da relevância, como sugere Gonçalves (2003b). Por exemplo, em nossa cultura, o hábito de ingerir bebidas alcoólicas é bastante comum na comemoração de algum evento festivo. Como resultado dessa relevância recíproca, temos o item lexical 'bebemorar', que resulta da combinação dos significados 'beber' e 'comemorar'. Embora não seja estritamente monomorfêmico, no sentido de que apresenta mais de uma unidade formal, o neologismo 'bebemorar' é caracterizado pelo entranhamento de duas palavras, sendo consequência da relevância da noção de "beber" para a de "celebrar" em comemorações/festejos.

A qualidade do café também é importante em nossa cultura. Por isso, fraco ou forte são características que afetam diretamente o significado do item lexical 'café'. Como resultado dessa mútua relevância, temos o cruzamento vocabular 'chafé', denominação usada para café fraco, que mais se parece com chá.

Em resumo, a relevância é um princípio que pode determinar o tipo de expressão linguística, uma vez que significados reciprocamente importantes um para o outro tendem a se manifestar lexical ou morfologicamente. No entanto,

é variável de uma língua para outra, tendo em vista que codifica entidades/eventos salientes do ponto de vista cultural (Bybee, 1985: 14). Um segundo princípio que determina os significados flexionais possíveis é a generalidade, analisada no próximo item.

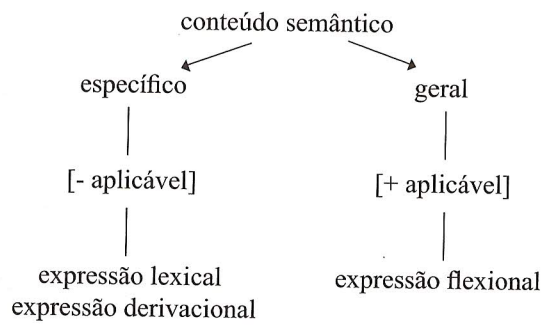
Generalidade e os tipos de expressão linguística

Com base em Bybee (1985: 18), podemos definir o princípio da generalidade da seguinte maneira:

(ii) **Princípio da generalidade**: Para ser flexional, o significado deve ser aplicável a todas as bases com mesma especificação lexical e obrigatoriamente ocorrer num contexto sintático apropriado.

Em (ii), está implícita a ideia de que, para ser flexional, o conteúdo semântico tem de ser mínimo, isto é, deve ser o mais geral possível para se aplicar a um grande contingente de formas da língua. Caso contrário, deixará células vazias e, com isso, acabará perdendo em generalidade. Na representação a seguir, faz-se uma previsão em termos de manifestação linguística: conteúdos mais específicos tendem a ser menos aplicáveis e a apresentar manifestação lexical ou derivacional, enquanto significados mínimos são de uso bastante generalizado e frequentemente se concretizam por afixos de natureza flexional.

(12)



Vejamos se são corretas as previsões feitas em (12). A noção "direcionalidade" é relevante para o significado de nomes e verbos, uma vez que afeta ou modifica diretamente seu conteúdo. Por isso, itens monomorfêmicos podem representar lexicalmente a fusão desses conteúdos, como se vê nos pares em (13):

(13)

entrar/sair	fora/dentro
subir/descer	acima/abaixo
voltar/seguir	trás/frente

A noção de direcionalidade também se manifesta morfologicamente em português. Há uma série de prefixos com esse significado em nossa língua: '*intra-*' (para dentro), '*extra-*' (para fora), '*inter-*' (entre), '*sub-*' (abaixo) e '*supra-*' (acima). Um adjetivo como 'auricular' pode receber qualquer um desses afixos, sendo seu acréscimo responsável pela localização espacial de algo em relação à base presa 'auris', que significa "ouvido". Os dados apresentados em (14) confirmam a adjunção dos prefixos de direcionalidade ao adjetivo em questão:

(14)

inflamação	extra-auricular	(a que se dá na parte externa do ouvido)
"	interauricular	(inflamação entre o ouvido e outro órgão)
"	intra-auricular	(inflamação no interior do ouvido)
"	supra-auricular	(a que se manifesta cima do ouvido)
"	subauricular	(a que acontece abaixo do ouvido)

Embora relevante, o conteúdo "direcionalidade" é muito específico e, por isso, apresenta restrições de aplicabilidade. Os prefixos em questão têm produtividade limitada a nomes passíveis de localização espacial, não podendo ser anexados a um elevado número de bases para adquirir *status* flexional. Por exemplo, adjetivos atributivos, como 'bonito', 'feio', 'simpático' e 'elegante', entre inúmeros outros, não podem servir de base a essas prefixações. São agramaticais as formações em (15), uma vez que os significados dos prefixos não são compatíveis com os das bases a que se vincularam:

(15)

*supra-bonito	*inter-simpático	*sub-feio
*extra-elegante	*intra-alegre	*circun-generoso

O princípio da relevância restringe a atuação da generalidade. Em outras palavras, a relevância minimiza os efeitos da generalidade, uma vez que significados extremamente relevantes podem não ser gerais o suficiente para se aplicar a todas as bases com mesma especificação categorial. Fundamentalmente, dois são os motivos que levam a essa limitação: (a) a relevância cria combinações de significado já representadas lexicalmente e (b) a fusão de conteúdos relevantes pode resultar em sentidos imprevisíveis.

A noção "contrário" ("o que não é x") é bastante relevante para o significado de adjetivos. Como resultado dessa relevância, há, em português, expressão morfológica para esse conteúdo – o prefixo '*in-*', que se aplica a todos os dados da primeira coluna de (16), a seguir, sempre com o mesmo significado. Apesar da aplicabilidade bastante geral, essa noção cria combinações de significado já manifestadas lexicalmente: tal significado é tão relevante para adjetivos que itens monomorfêmicos podem ser caracterizados por essa fusão, como se vê na segunda coluna de (16):

(16)

grato/ingrato	bonito/*imbonito = feio
apto/inapto	magro/*imagro = gordo
justo/injusto	alegre/*inalegre = triste
útil/inútil	forte/*inforte = fraco
perfeito/imperfeito	jovem/*injovem = velho

A afixação de *in-* a adjetivos como 'bonito' e 'magro' não é possível porque uma forma morfologicamente simples já aparece no léxico do português com igual combinação de significado (os antônimos 'feio' e 'gordo', respectivamente). O bloqueio (Aronoff, 1976; Basilio, 1980), discutido no item "Aplicabilidade" do capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação", tem uma explicação interessante no trabalho de Bybee (1985): é fruto da relação entre relevância e generalidade, pois dá mostras da existência de elevados graus de fusão e, por isso mesmo, faz com que muitos processos produtivos apresentem restrições de aplicabilidade. Dessa forma, conteúdos relevantes deixam células vazias porque podem atualizar-se numa palavra indecomponível em unidades formais mínimas.

A causatividade ilustra a segunda situação comentada – a dos sentidos imprevisíveis. Extremamente relevante para o significado de verbos, a causatividade afeta diretamente o conteúdo expresso no radical dessa classe. Sua alta relevância nomeia ações substancialmente diferentes das previamente veiculadas. Como exemplo, podemos citar 'morrer' e 'matar'. Sem dúvida alguma, a ideia de morte está contida no segundo verbo que, adicionalmente, implica um agente ou uma causa. Por diferir no conteúdo causativo, esses dois verbos apresentam transitividade diferente. 'Matar', que seleciona um agente (o causador da morte) e um paciente (a vítima), é verbo de dois lugares, enquanto 'morrer' é verbo de apenas um lugar, pois pressupõe apenas um paciente.

A noção genérica de causa também está presente no par 'cair'/'derrubar'. Tanto 'cair' quanto 'derrubar' pressupõem uma queda, mas 'derrubar' seleciona um agente causador, como em 'o vento derrubou a árvore'. Pelos exemplos, podemos afirmar que a causatividade proporciona ações distintas, gerando conteúdos imprevisíveis, lexicalizados. De fato, 'cair' e 'derrubar' não parecem itens lexicais relacionados pela noção de causa, mas verbos sem relação direta de significado. Nas palavras de Bybee (1985: 18), *quando muitas palavras resultam de um processo lexicalizado, é extremamente difícil, para os falantes, aplicar as operações produtivamente, o que faz com que os processos percam sua generalidade.*

Há, portanto, duas grandes consequências de conteúdos muito relevantes: o bloqueio e a dificuldade de associação de formas. No primeiro caso, a relevância é visível em formas morfologicamente simples; no segundo, leva a palavras com sentido radicalmente diferenciado. Nos dois casos, há repercussão direta na generalidade, o que comprova estarem os dois princípios em constante interação.

Em resumo, relevância e generalidade são, para Bybee (1985: 17), *os determinantes da expressão flexional*. Para se manifestar flexionalmente, um conteúdo tem de ser relevante para o significado da base e deve ser mínimo, de modo que se aplique plenamente. No próximo item, focaremos um pouco mais a relação entre esses dois princípios.

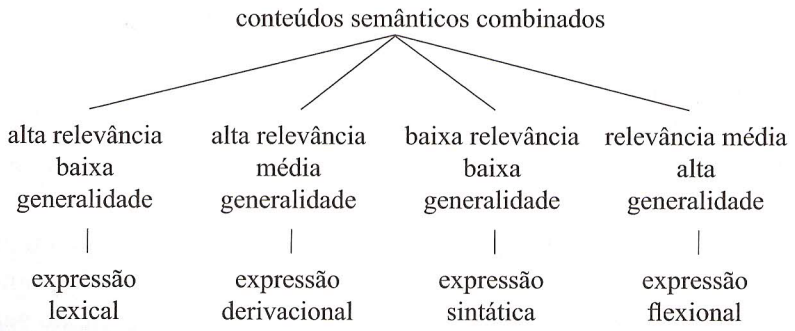
Da interação relevância-generalidade

Em (iii), faz-se uma previsão dos significados flexionais possíveis a partir da interação relevância-generalidade:

(iii) **Relevância + generalidade**: Noções semânticas muito relevantes tendem a não ser de aplicabilidade geral. A relevância deve existir, mas não ser tão alta a ponto de produzir mudanças de significado que levem os processos em direção à lexicalização (Bybee, 1985: 19).

Por (iii), podemos afirmar que conteúdos com mais chance de expressão flexional são os que ocupam posições mais centrais na escala de relevância – parâmetro naturalmente gradual (Bybee, 1985: 20). Se, por um lado, a relevância não pode ser baixa, a ponto de levar à expressão sintática, por outro, também não pode ser tão alta, de modo que não seja aplicável em larga escala, limitando-se em generalidade. A figura em (17) ilustra a interação generalidade/relevância.

(17)



Pela representação em (17), um significado deve apresentar relevância média e alto grau de generalidade para ser categorizado como flexional. Na expressão lexical, há uma relação inversamente proporcional entre relevância e generalidade, pois altos graus de relevância implicam baixa aplicabilidade. Na expressão sintática, a falta de generalidade é fruto do pequeno grau de relevância entre os significados que se combinam. Por fim, a diferença entre as expressões lexical e derivacional é de generalidade, apenas. Como se observa, somente a derivação e a flexão deixam de apresentar valores absolutos nos dois parâmetros: a primeira apresenta aplicabilidade parcial, e a segunda, relevância média.

A interação relevância/generalidade possibilita entender melhor as diferenças entre os vários tipos de expressão linguística. Além disso, determina a ordem dos afixos no interior da palavra e também serve para graduar os significados expressos morfologicamente em termos de frequência de expressão flexional ou derivacional nas línguas do mundo.

Em relação à ordem, afixos mais relevantes aparecem mais próximos da base, como vimos no item "Excludência e recursividade" do capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação". Nos nomes, a concatenação dos formativos evidencia diferentes graus de relevância dos afixos para com a base. Sufixos de grau sempre sucedem quaisquer outros sufixos, pois modificam menos o conteúdo das bases. No entanto, precedem os de gênero e número, nessa ordem, como mostra o esquema em (18):

(18)

√	sufixo agentivo	sufixo de grau	sufixo de gênero	sufixo de número
fofoqu	*eir*	*inh*	*a*	*s*

Mesmo em situações não expressivas, sufixos de grau veiculam avaliação subjetiva do falante a respeito de algo ou alguém, ao passo que os de gênero e de número envolvem avaliação sempre objetiva.[5] Por isso, o grau é mais relevante que o gênero e que o número, localizando-se o afixo mais próximo da base nas estruturas morfológicas do português.

O significado "ser do sexo feminino" tem maior relevância para o nome que conteúdo "mais de um". Isso porque o gênero afeta mais diretamente o conteúdo da base que o número: a indicação precisa do sexo modifica a referência, enquanto a de pluralidade não chega a alterar a identidade do referente (Bybee, 1985: 23).[6] Evidências concretas de que o gênero é mais relevante que o número são apresentadas no item "Fusões de significado nas unidades morfológicas", na qual analisamos o fenômeno da fusão.

Pela representação feita em (18), constata-se que a ordem realmente revela variados graus de relevância dos afixos em relação à base. Nos nomes, há um *continuum* regressivo de relevância do grau para o número, conforme o ordenamento dos elementos morfológicos indicia. Nos verbos, a ordem igualmente reflete diferentes graus de importância do significado dos afixos para o das bases, como veremos mais adiante.

A afirmação feita em (iii) também respalda diferenças interlinguísticas nas formas de expressão de significados gramaticais. Bybee (1985: 43) demonstra que a causatividade é expressa flexionalmente em línguas como o japonês e o turco, nas quais afixos promovem distinções sistemáticas entre usos causativos e não causativos de verbos. Sua alta relevância para o conteúdo do verbo, no entanto, pode resultar em ações radicalmente diferentes e gerar conteúdos imprevisíveis, lexicalizados. Esse fato justifica a baixa frequência – pelo menos no *corpus* constituído por Perkins – de expressão flexional para a causatividade, que tende a se manifestar lexicalmente na grande maioria das línguas.

Algumas categorias, por outro lado, raramente deixam de apresentar expressão morfológica. Tal é o caso, por exemplo, do número, que exibiu comportamento flexional em 48 das 50 línguas analisadas por Bybee (1985). Essa alta frequência de manifestação flexional provém da elevada generalidade dos significados veiculados pelo número ("um", "dois", "mais de um") e da relevância média para com o conteúdo das bases.

Cabe mencionar, ainda, dos casos de fusão de vários significados gramaticais numa única forma de expressão. Bybee (1985: 36) formula uma hipótese acerca dos efeitos morfofonêmicos da base sobre os afixos flexionais e vice-versa. Trataremos disso no próximo item.

Fusões de significado nas unidades morfológicas

De acordo com Bybee (1985: 36), fusões de diferentes naturezas possibilitam estabelecer a seguinte generalização:

(iv) **Fusão na expressão morfológica**: Se o significado de um afixo flexional é altamente relevante para a base, é provável que a expressão de superfície muitas vezes revele fusão das unidades semânticas numa só forma indecomponível. Por outro lado, significados flexionais menos relevantes têm menor associação com o radical e tendem a não aparecer fundidos com ele.

A hipótese aventada em (iv) deve ser testada no âmbito dos efeitos que tem uma categoria gramatical sobre a representação de superfície do radical. Essa premissa dá conta não dos casos em que a mudança na base é explicada fonologicamente, mais fáceis de resolver em modelos que privilegiam a forma, em detrimento do conteúdo, como o estruturalismo e o gerativismo. A assunção em (iv), ao contrário, intenta observar o comportamento de alomorfias sem condicionamento fonológico, isto é, das variações na base ou no afixo que não se justificam do ponto de vista segmental.

Por fusão, devemos entender (a) o uso de raízes supletivas, (b) os casos em que o radical incorpora noções gramaticais ou, ainda, (c) a escolha do alomorfe flexional por classes morfológicas. No primeiro caso, formas inteiramente dessemelhantes atualizam dois ou mais conteúdos e se relacionam léxico-semanticamente. No segundo, radicais contêm informações gramaticais

de natureza variada. No último, afixos flexionais diferentes podem ser selecionados em função de paradigmas morfológicos.

De acordo com (iv), significados gramaticais mais relevantes se caracterizam por um contingente maior de casos de fusão. Ao contrário, quando um conteúdo apresenta baixa relevância para o significado da base, são menos frequentes os três tipos de situações acima comentados. Essa expectativa se confirma em português, pois são encontrados mais casos de fusão nos afixos posicionados mais próximos do radical, como o de gênero feminino, nos nomes, e o de tempo/modo/aspecto, nos verbos.

Em relação ao gênero e ao número – que são categorias inerentes cuja informação do controlador é repassada aos alvos (ver item "Relevância sintática" do capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação") –, a relevância pode ser medida em termos de frequência de expressão lexical. Em português, há um conjunto de femininos monomorfêmicos que se relacionam, no léxico, a masculinos sem qualquer vínculo formal. 'Vaca', por exemplo, representa lexicalmente a fusão dos conteúdos "touro" e "feminino". Nos dados em (19), são listados vários exemplos de expressão lexical para o feminino:

(19)

nora	égua	cadela	cabra
madre	amazona	mulher	fêmea
diva	aliá	sóror	atriz

Todas as formas em (19) podem ser consideradas supletivas, na medida em que suprem a falta de correspondência morfológica para a expressão do feminino. Por exemplo, o substantivo masculino 'genro' não apresenta variação formal para o feminino ('*genra'), mas 'nora', uma raiz diferente, possibilita estabelecer a mesma relação semântica que existe no par 'tio'/'tia'. Os itens lexicais apresentados em (19) amalgamam a noção de "ser do sexo feminino" com os significados veiculados nos radicais masculinos correspondentes. Dessa maneira, uma palavra como 'égua' mescla os conteúdos "cavalo" e "fêmea" numa unidade que não se decompõe em morfemas.

Casos de expressão lexical com categoria número são bem mais raros, se é que existem em português.[7] Como o léxico dispõe de um contingente de formas com fusão para o gênero e parece não apresentar para o número, podemos afirmar que essa última categoria é menos relevante para o significado do nome. A posição mais periférica do sufixo de plural reforça essa tese.

Nos verbos, a fusão é mais visível nos vários casos em que o radical incorpora noções gramaticais. Por exemplo, diferentes realizações da raiz 'caber' apontam para fusões de tempo/modo/aspecto na própria base, como em 'coube' (pretérito perfeito do indicativo) e 'cabia' (pretérito imperfeito do indicativo). O mesmo raciocínio pode ser encaminhado a 'trazer', 'fazer' e 'ser', entre inúmeros outros verbos irregulares. A título de ilustração, vejamos, em (20) a seguir, as diferentes formas de raiz do verbo 'por':

(20)	/poN/	ponho, põe, ponha, ponhamos
	/puN/	punha, púnhamos, punham
	/puS/	puséramos, pusemos, puséssemos, puser
	/poR/	porei, poríamos, poremos, poria

Em (20), optamos por representar fonologicamente as diferentes formas de raiz do verbo 'por' para salientar que o desenvolvimento da nasal, nas duas primeiras linhas, resulta de uma regra de ressilabificação parecida com a que descrevemos no capítulo "Das semelhanças entre flexão e derivação" (item "Processos fonológicos em fronteiras morfológicas"). O mesmo acontece com os dados da terceira linha, nos quais a sibilante, além de preencher a posição de *onset* da sílaba seguinte, é realizada como sonora (/z/). Essas diferenças, por serem previsíveis pela própria concatenação dos elementos morfológicos, não nos interessam no momento, pois queremos mostrar que as bases manifestam significados lexicais e gramaticais, simultaneamente.

A forma /puN/, além de veicular a informação de "colocar, agrupar, botar", também expressa a noção de tempo, haja vista ser usada somente no imperfeito do indicativo. A mesma afirmação vale para a variante /poN/, que sempre se associa ao presente, nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo.[8] Assim, formas com a sílaba <po> seguida de nasal palatal, como 'ponho', ou de semivogal, como 'põe', mesclam o significado "por" com o de "tempo presente", de modo que o conteúdo gramatical aparece fundido com o lexical. Como todas as formas verbais com /poN/ remetem ao presente, essa noção de tempo figura no próprio radical do verbo.

Formas com /poR/ sempre veiculam a noção de futuro (do presente ou do pretérito, nos modos indicativo e subjuntivo). Por fim, /puS/ associa-se ao pretérito perfeito e ao mais-que-perfeito. Portanto, as várias realizações da raiz expressam tempo/modo/aspecto, significados relevantes para o conteúdo do verbo. São mais raras fusões com as categorias número e pessoa, dada sua

baixa relevância para o evento ou o estado verbais. Quando fundidos numa forma morfologicamente simples, esses significados são também amalgamados com o tempo e com o modo. Observem-se os exemplos em (21):

(21)	é	(3ª p. do sing. + presente + indicativo)
	fui	(1ª p. do sing. + pretérito perfeito + indicativo)
	pôs	(3ª p. do sing. + pretérito perfeito + indicativo)

Uma vez que número e pessoa são categorias que se referem não ao conteúdo do verbo, mas aos participantes, é menos provável sua manifestação na própria base. A posição mais externa na estrutura morfológica do verbo e o baixo contingente de fusões constituem reflexo da baixa relevância das noções de pessoa e número para o significado do verbo. A relevância, portanto, tem consequências tanto na linearização dos formativos quanto na fusão de conteúdos lexicais com gramaticais.

Resta considerar, ainda, da escolha do alomorfe por classes morfológicas. Essa situação é observada apenas nos paradigmas verbais, uma vez que o português não apresenta declinações para os nomes. De acordo com Bybee (1985), significados gramaticais mais relevantes podem ser representados por variantes formais sem condicionamento fonológico. Tal é o caso da distribuição entre *-va* e *-ia*, marcas de imperfeito do indicativo. Como destacamos no primeiro capítulo, a primeira forma é anexada a verbos de primeira conjugação, enquanto a segunda se aplica a verbos das demais classes. Essa distribuição não acontece com as categorias número/pessoa, que são menos relevantes para o verbo que tempo/modo/aspecto. De fato, não há variação alomórfica nas desinências número-pessoais que se justifiquem pela existência de diferentes classes de conjugação.

Os fatos apresentados ao longo deste item confirmam a hipótese estabelecida em (iv): a fusão constitui reflexo de diferentes graus de relevância: significados flexionais mais importantes para a base apresentam expressões de superfície com maior número de formas com fusão (expressão lexical, cumulação ou alomorfia condicionada morfologicamente).

No próximo item, descreveremos os significados gramaticais mais comumente veiculados nos verbos, explicitando quais têm mais chance de materialização flexional. Especial relevo será dado à ordem dos afixos e às formas de manifestação.

Significados verbais: relevância e generalidade

De acordo com Bybee (1985: 24-7), os significados geralmente expressos flexionalmente nos verbos são – em ordem decrescente de relevância – valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância. Suas previsões dão conta (a) da frequência com a qual essas noções adquirem manifestação flexional nas línguas do mundo, (b) da existência de padrões gerais de lexicalização e (c) da ordem dos afixos na estrutura do verbo, quando mais de um significado se expressa morfologicamente. Primeiramente, vejamos a atuação da relevância em cada uma das categorias elencadas.

A valência diz respeito ao número e ao papel dos participantes na ação veiculada pela base verbal, determinando a quantidade de argumentos que deve ser projetada para a sentença (zero, um, dois ou três). Dessa maneira, mudanças na valência são altamente relevantes para a base verbal, uma vez que afetam ou modificam diretamente seu conteúdo.

Quando um verbo é causativo, por exemplo, dois argumentos frequentemente são levados para a sentença: o sujeito (que será agente ou instrumento) e o objeto direto (caracterizado como paciente), como acontece com 'matar', ao qual já nos referimos no item "Generalidade e os tipos de expressão linguística". Esse verbo é bivalente e, por isso, requer dois argumentos, como em 'Fulano matou Sicrano' ou 'o cigarro matou Beltrano'.

Por sua vez, a categoria voz serve para expressar a maneira pela qual sentenças alternam a relação entre sujeito e objeto. Nas palavras de Hauy (1992: 7), voz *é a forma em que o verbo de ação se apresenta para indicar se o sujeito pratica ou sofre a ação verbal*. Por esse motivo, distinções de voz são relevantes não só para o conteúdo do verbo, mas também para seus argumentos. Na verdade, mudanças de voz afetam a perspectiva da sentença, pois, na ativa, coloca-se em primeiro plano o agente, enquanto, na passiva, é o paciente o termo posto em evidência, conforme se observa em (22) e (23), respectivamente:

(22) O pivete saqueou o pobre velhinho.

(23) O pobre velhinho foi saqueado pelo pivete.

De acordo com Castilho (1968: 14), o aspecto – por sinalizar *diferentes maneiras de encarar a constituição temporal interna de uma situação* – representa *a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento* (Comrie, 1976: 3). Como o aspecto não faz referência aos participantes, afeta exclusivamente a ação ou o estado descrito pelo verbo. Perfectivo e imperfectivo são significados aspectuais. No primeiro, tem-se ênfase na conclusão/término de um evento, enquanto no segundo ganha destaque o processo, como se constata em (24) e (25), nessa ordem:

(24) Fulano estudou muito para o concurso. É surpreendente não ter obtido aprovação.

(25) Fulano estudava muito para o concurso. É surpreendente não ter obtido aprovação.

Visto como entidade referencial, o tempo é uma categoria linguística que marca a posição cronológica dos fatos, tomando como ponto de partida o ponto dêitico da enunciação, o tempo ∅, não marcado, o presente. Para Bybee (1985: 22), *distinções de tempo não são diretamente relevantes para o conteúdo do verbo*, uma vez que estar no presente, no passado ou no futuro não altera o significado inerente do verbo, como se observa em (26), (27) e (28), em que o conteúdo "namorar" não é diretamente modificado com a indicação cronológica:

(26) Namoro Felizberta.

(27) Namorei Felizberta.

(28) Namorarei Felizberta.

O modo revela o ponto de vista do falante acerca do evento expresso na base verbal (Crystal, 1985). Por isso, inclui expressões de atitude subjetiva do emissor quanto à verdade da proposição: indicativo, subjuntivo e imperativo são diferentes maneiras de encarar a situação descrita na base verbal. Como o tempo, o modo também é menos relevante que o aspecto, uma vez que não afeta diretamente o conteúdo do verbo, mas a perspectiva do falante quanto à proposição. Vejam-se (29), (30) e (31), que veiculam, nessa ordem, asserção, dúvida e comando:

(29) Beltrano namora Felizberta.

(30) É provável que Beltrano namore Felizberta.

(31) Namore Felizberta, Beltrano!

Por fim, elementos de concordância não remetem à situação descrita no verbo, mas aos participantes, como já ressaltamos anteriormente. Dessa forma, a concordância é, entre as categorias analisadas, a menos relevante, haja vista não afetar nem o conteúdo nem a situação da base verbal. A concordância geralmente inclui distinções de pessoa (1ª, 2ª e 3ª), de número (singular, plural e dual) e de gênero (masculino, feminino e neutro). Além disso, pode caracterizar o sujeito ou o objeto.[9] Em (32) e (33), o conteúdo, a situação e a perspectiva não se alteram com a indicação precisa dos participantes do evento verbal:

(32) Eu encontrarei Beltrana na festa de Sicrana.

(33) Eu e Fulana encontraremos Beltrana na festa de Sicrana.

Os principais significados expressos nos verbos podem ser graduados pelo princípio da relevância, pois não têm o mesmo *status* frente à base: há relações mais relevantes, como as de valência, que alteram substancialmente o conteúdo do verbo, e outras menos significativas, como as de concordância, que sequer fazem referência à situação descrita no radical. Portanto, é possível chegar à seguinte escala:

(34)

[+ relevante]	>	>	>	>	>	>	[- relevante]
valência (conteúdo e participantes)	voz	aspecto (conteúdo)	tempo (situação)		modo (situação)		concordância (participantes)

A partir de (34), várias previsões podem ser feitas. Em primeiro lugar, é provável que haja mais casos de expressão lexical com valência e voz, localizadas à esquerda do *continuum*, que com modo e concordância, posicionados mais à direita. Em segundo lugar, há mais chances de materialização flexional nas categorias que ocupam posições centrais na escala, nas quais a relevância existe, mas tão alta, a ponto de promover lexicalizações e, com isso, apresentar restrições de aplicabilidade. Além disso, é provável que noções mais relevantes, se expressas morfologicamente, figurem mais próximas da base. Por fim, é mais natural encontrar casos de fusão nos significados à esquerda do *continuum*.

No próximo item, conferiremos se as previsões feitas a partir de (34) real-mente se confirmam nos verbos do português. Checaremos as hipóteses de Bybee, analisando as seis categorias descritas no presente item: valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância.

Estrutura e significados verbais em português

Em linhas gerais, as previsões de Bybee (1985) se confirmam em português, revelando forte atuação dos princípios **relevância** e **generalidade** na morfologia dos verbos. Comentemos brevemente cada uma das categorias descritas no item anterior.

Como a valência é extremamente relevante para o conteúdo dos verbos, pares de formas se diferenciam pela transitividade em nossa língua. Além de 'morrer' e 'matar', já discutidos no item "Generalidade e os tipos de expressão linguística", há uma série de verbos que se opõem quanto à causatividade. Por exemplo, 'nascer'/'conceber' e 'crescer'/'aumentar' são formas que contrastam em termos de valência: os primeiros elementos de cada par são monovalentes, enquanto os últimos, por implicarem um fazer (Fernandes, 1989), são necessariamente bivalentes. O conteúdo dos primeiros aparece nos segundos, que, adicionalmente, pressupõem um agente (humano ou não).

Como a voz é relevante para o conteúdo verbal, espera-se que expressões lexicais revelem distinções dessa natureza. De fato, 'dar' e 'receber' não diferem quanto à valência, mas em relação à perspectiva que se tem de quem se beneficiou da oferta: 'João deu o livro a Pedro' e 'Pedro recebeu o livro de João' são sentenças equivalentes em termos de significado e ambos os verbos podem ser considerados trivalentes. No entanto, 'dar' focaliza o agente, ao passo que 'receber' põe em primeiro plano o beneficiário.[10] O mesmo acontece com 'vender'/'comprar' e 'emprestar'/'devolver', entre inúmeros outros. Esses pares evidenciam que, em função da alta relevância dos conteúdos voz e valência, radicais verbais contrastam em termos de perspectiva agente/paciente e em função da transitividade.

Casos de expressão lexical são mais raros nas categorias menos relevantes para o conteúdo do verbo. Não parece haver, em português, pares de verbos que se diferenciem em função do tempo, do modo ou da concordância. O aspecto – por ser uma categoria com alta relevância para o conteúdo de bases verbais – apresenta comportamento bastante diversificado na língua, como comentaremos mais adiante.

Uma questão que se coloca quanto à alta relevância de valência e da voz é a generalidade. Os conteúdos veiculados por essas categorias não têm aplicabilidade plena, pois a ideia de causa, por exemplo, não é obrigatória nos verbos. O mesmo pode ser dito em relação à voz. Como vimos, a voz é relevante em eventos nos quais a perspectiva agente/paciente se altera. Dessa maneira, somente verbos transitivos são suscetíveis de modificação quanto à voz. Verbos intransitivos, como 'chover', 'gaguejar' e 'haver', não podem ser modificados por essa categoria. Vejam-se os exemplos em (35), todos agramaticais:

(35) *Foi chovido muito ontem.
* Beltrano foi gaguejado.
*Foi havido por Sicrano.

Como os significados com mais chance de apresentar manifestação flexional possuem relevância média (Bybee, p. 29), a representação feita em (34) nos faz pressupor que aspecto, tempo e modo – as categorias mais centrais da escala – sejam candidatos oficiais à expressão flexional nas línguas do mundo. Para o português, essa previsão é verdadeira, mas devemos incluir também a concordância.[11]

É tacitamente aceito que tempo e modo são flexões do verbo (Mattoso Câmara Jr., 1970; Kehdi, 1987; Monteiro, 1987; Laroca, 1994). A inclusão do aspecto, no entanto, nem sempre é assumida explicitamente. Nas gramáticas normativas (Cunha, 1975; Rocha Lima; 1975; Luft, 1979), não se faz qualquer menção ao aspecto. Mesmo manuais de morfologia (Freitas, 1998; Koch & Souza e Silva, 1987) e dicionários de linguística (Crystal, 1985) tendem a ser negligentes quanto ao comportamento dessa categoria em português. Jota (1976: 45), por exemplo, afirma que o aspecto *não chega a constituir categoria* (...), pois *o caráter temporário da ação do verbo é de importância secundária em nossa língua.*

É inegável que esse aspecto se manifesta flexionalmente na morfologia do verbo, pois a diferença entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito não é de tempo, haja vista que, em ambos os casos, o que se tem é referência a um evento passado. No primeiro caso, esse evento é visto como plenamente concluído e, no segundo, como cursivo. Dessa maneira, *-va* não é uma desinência só de tempo e modo, como sugerem as gramáticas tradicionais e muitos manuais de morfologia, mas de aspecto, tempo e modo, apresentando-se, pois, como arquicumulativa em português – o termo é de Gleason Jr. (1961).

Outro contraste que comprova ser o aspecto uma categoria expressa flexionalmente em português é o que se dá entre particípio passado e gerúndio. Essas formas nominais não veiculam informação temporal, uma vez que nada informam a respeito do momento da enunciação. A diferença é de aspecto, pois o gerúndio expressa processo, enquanto o particípio expressa estado (ou resultado de um processo). O uso do gerúndio, nas sentenças em (36) a seguir, comprova que a forma 'cantando' é neutra em relação ao tempo e ao modo:

(36) Fulano esteve cantando na semana passada.
Fulano está cantando hoje.
Fulano estará cantando às nove horas da noite.
É provável que Fulano esteja cantando no momento.
Quando Fulano estiver cantando, fale baixo.

As oposições pretérito perfeito/pretérito imperfeito e gerúndio/particípio evidenciam que o aspecto é uma categoria que se atualiza no verbo. Nos dois casos, as diferenças aspectuais são expressas flexionalmente, pois se aplicam a todos os itens da classe, tendo, portanto, alta generalidade.

Como o aspecto é mais relevante para o verbo que o tempo e o modo, espera-se encontrar mais casos de expressão lexical para essa categoria. Sem sombra de dúvida, o aspecto é bem marcado lexicalmente e, por isso, não são poucas as formas verbais que incorporam significados aspectuais. As noções mais comumente encontradas nos verbos são as seguintes (Travaglia, 1981; Borba, 1991):

(a) **Incoação**: explicitam-se tanto o início quanto o desenvolvimento do evento, mas não seu término. O significado incoativo (ou inceptivo) pode ser parafraseado por "estar x-*ndo*". 'Progredir', 'desenvolver' e 'crescer' são formas que incluem referência à constituição temporal interna do fato e, em função disso, apresentam o traço [+ durativo];

(b) **Reiteração**: esse significado leva o evento verbal a ser marcado pela ideia de repetição/hábito. Por esse motivo, a paráfrase mais apropriada é "fazer X continuamente". Verbos como 'permanecer', 'fumar' e 'costumar' são marcados pela ideia de ação continuada no tempo;

(c) **Pontualidade**: o evento verbal é visto como fato instantâneo, pontual, sem qualquer possibilidade de continuação no eixo temporal. 'Cair', 'falecer' e 'acabar' são considerados pontuais (aorísticos), haja vista expressarem o momento final de um processo.

Além da representação em itens lexicais monomorfêmicos, o aspecto atua na morfologia derivacional. Nesse caso, a expressão se restringe a sufixos e circunfixos, pois prefixos não são marcadores de informações aspectuais – exceção feita a *re-*, que indica reiteração (repetição do fato verbal, como em 'refazer'). Determinados afixos verbais, adicionalmente à função de alterar a categoria lexical da base, apontam para diferenças de aspecto. Dos três significados acima, o primeiro, incoação, é o mais recorrente. Elementos descontínuos, como */eN ... ecer/*, anexam-se a bases adjetivas para explicitar mudança de estado (físico ou psicológico), como acontece em 'entristecer', 'envelhecer' e 'emagrecer', entre outros.[12] Nesses verbos, a mudança de estado é contínua, tornando o processo gradual e prolongado. Podemos afirmar, portanto, que a circunfixação em */eN ... ecer/* apresenta o traço [+ durativo], o mesmo que caracteriza o gerúndio e o pretérito imperfeito.

De acordo com Sandmann (1989), *-izar* é o sufixo mais produtivo na formação de verbos. Tal como */eN ... ecer/*, *-izar* atualiza imperfectividade, uma vez que 'informatizar' e 'problematizar', por exemplo, são eventos que pressupõem continuidade. As formas x-*izar* podem ser parafraseadas por "passar pelo processo de pôr x em execução". Como a ênfase está no início da ação (não no término), *-izar* pode ser considerado sufixo aspectual incoativo. Vejam-se mais dados em (37):

(37)

fragilizar	comercializar	amortizar	contabilizar
cotizar	ridicularizar	moralizar	suavizar
mobilizar	disponibilizar	fertilizar	generalizar

Por sua maior relevância, o aspecto tem alcance morfológico maior que o tempo no verbo: atua na flexão e na derivação. Apesar de mais relevantes para o lexema verbal, os significados aspectuais não apresentam alto grau de aplicação às formas da língua e, com isso, perdem em generalidade. Por exemplo, *-izar* não pode ser considerado flexional porque tem restrições de aplicabilidade: só pode ser anexado a bases passíveis de sofrer algum tipo de processo. Dessa maneira, nem todo substantivo pode ser transformado em verbo com o acréscimo de *-izar*, o que impede o afixo de adquirir *status* flexional na língua. Por exemplo, nomes como 'livro', 'anel' e 'cinzeiro' não funcionam como bases para a afixação de *-izar*. Por serem menos relevantes, os significados temporais são menos restritivos e, por isso mesmo, não apresentam restrições de aplicabilidade.

Em relação à ordem, vimos frisando que afixos mais relevantes aparecem mais próximos da base. É bem conhecida a fórmula utilizada por Mattoso Câmara Jr. (1970) para representar a estrutura dos verbos regulares. Em (38), a seguir, a posição dos afixos revela forte atuação do princípio da relevância, uma vez que as desinências de tempo/modo (DMT), bem mais relevantes para o lexema verbal que as número/pessoa (DNP), de fato se localizam mais próximas da raiz.

(38)

Tema		Flexão	
√	VT	DMTA	DNP

Pelo esquema apresentado em (39), a seguir, podemos afirmar que a or dem também evidencia maior relevância do aspecto, haja vista que as noçõe veiculadas por sufixos e circunfixos integram o tema verbal. Uma forma com 'informatizaremos', decomposta como em (39), comprova que elementos mai relevantes se aproximam mais da raiz:

(39)

Tema			Flexão	
√	Aspecto	VT	DMT	DNP
informat	*iz*	*a*	*re*	*mos*

A sequenciação linear dos formativos no interior da palavra ganha de taque quando levamos em conta o princípio da relevância. Não é obra d

acaso o fato de afixos aspectuais precederem os elementos de tempo/modo e concordância. Também não é arbitrária a maior distância das desinências de número/pessoa: há forte relação de dependência entre o significado do afixo e a posição por ele ocupada. Se a relevância determina a ordem, a morfotática passa a ter papel preponderante na descrição do componente morfológico, uma vez que a posição dos afixos reflete diferentes graus de importância para o significado da base.

Por serem finais, as marcas de concordância têm alcance mais restrito no verbo, sendo menos relevantes e menos aplicáveis. Vimos no capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação" (item "Aplicabilidade") que as terminações de número/pessoa não são compatíveis com o significado de toda e qualquer base verbal, uma vez que não se anexam a formas como 'nevar', 'nublar' e 'relampejar'. Essa falta de aplicabilidade decorre de sua relação com o sujeito da sentença (e não com o conteúdo do verbo). Nos paradigmas verbais, a defectividade se manifesta apenas nos afixos de concordância. Tomando por base a proposta de Bybee (1985), a defectividade é explicada pelo fato de os sufixos de número/pessoa não serem tão relevantes para as bases quanto os de tempo/modo, que nunca deixam de aplicar porque têm relação mais direta com o conteúdo dos verbos.

Além disso, número/pessoa são significados redundantes sintaticamente, pois são veiculados por um sujeito que antecede o verbo, na grande maioria das vezes. Por isso mesmo, as marcas de concordância podem não ser utilizadas em algumas variantes do português brasileiro, como comprovam os dados em (40). Nessas variedades, nem todos os afixos de número/pessoa são obrigatórios e os contrastem são apenas binários (Monteiro, 1983): entre a 1ª pessoa do singular ('eu compro') e as demais ('tu/você compra', 'ele compra', 'nós/a gente compra', 'vocês compra' e 'eles compra').

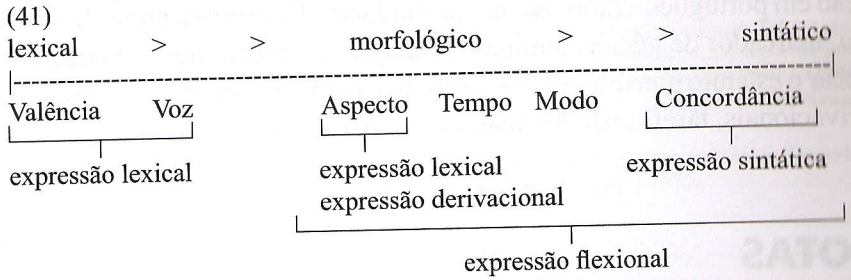
(40) Fulano e Beltrano foi ao cinema comigo.
Tu não quer ir ao cinema comigo?
Vocês não vai ao cinema comigo?

No caso do português, a cumulação também demonstra que a fusão acontece entre significados gramaticais com mesmo grau de relevância. De fato, número e pessoa, que fazem referência ao sujeito e têm baixa relevância, são significados que se sobrepõem em formas como *-mos* e *-m* ('cantamos' e 'cantam').[13] Modo, tempo e aspecto, que são conteúdos que fazem referência

à situação e apresentam relevância média, fundem-se em unidades como *-va* e *-ria* ('cantava' e 'cantaria'). Confirma-se, então, que se sobrepõem, pela cumulação, categorias que ocupam posições próximas no *continuum* apresentado em (34).

A representação feita em (41), a seguir, sintetiza as principais conclusões a que chegamos neste capítulo. Nessa formalização, os seis significados gramaticais aqui analisados são dispostos num *continuum* de fusão. Observe-se que as categorias à esquerda apresentam, em português, manifestação apenas lexical. À medida que se avança para a direita, diminui o grau de fusão, uma vez que há uma progressiva tendência à expressão morfológica. No final da escala, aparece uma categoria que, em algumas variantes, vem deixando de se realizar morfologicamente. Há, da valência para a concordância, um gradual avanço do léxico para a sintaxe, confirmando, portanto, a proposta de Bybee (1985), para quem o significado determina o tipo de expressão linguística, sendo a fusão consequência de diferentes relações de relevância.

(41)



E o *continuum* flexão-derivação?

Ao longo deste capítulo, assumimos que a diferença entre flexão e derivação não é discreta. Também ressaltamos que afixos flexionais não apresentam comportamento idêntico, pois não modificam da mesma maneira o conteúdo das bases. Diferenças de relevância aparecem vinculadas a diferenças de *status* morfológico, em função da generalidade e da fusão.

A proposta de Bybee (1985) de fato dá conta do comportamento de categorias tacitamente analisadas como flexionais. No entanto, deixa em aberto a questão do *continuum*, uma vez que não compara, a partir dos determinantes da expressão flexional, afixos com diferentes categorizações. Por exemplo, fica

difícil, apenas com a relevância e a generalidade, decidir se o *-a* de feminino é menos derivacional que os afixos de grau. Por seus significados, *-inho* e *-ão* são mais relevantes para o conteúdo dos nomes que a marca de feminino. No entanto, pela generalidade, sem dúvida alguma os primeiros têm mais propriedades flexionais que o último, já que apresentam menos restrições de aplicabilidade.

Como posicionar os afixos de grau e a marca de feminino ao longo de um *continuum* que se inicia na flexão e culmina na derivação, expressões morfológicas consideradas gradientes pela autora? Em outras palavras, como medir a aproximação ou o afastamento dos extremos prototípicos em casos como esses? Se, por um lado, Bybee (1985: 18) nega a existência de fenômenos nitidamente categorizáveis como flexionais ou como derivacionais, por outro, não oferece instrumental para medir em que proporção um afixo exibe comportamento diferente do esperado para sua classe.

No capítulo "O *continuum* aplicado ao português", tentaremos aplicar a ideia de um *continuum* flexão-derivação, analisando afixos de difícil categorização em português, como *-mente*, formador de advérbios a partir de adjetivos, e *-a*, marcador de gênero feminino. Também forneceremos ferramentas para checar o estatuto morfológico de um afixo e comparar formativos considerados derivacionais, tarefas não levadas a cabo pela autora.

NOTAS

1 Toda a análise de Bybee (1985) foi baseada da amostra de Perkins: um conjunto de 50 (cinquenta) línguas de parentescos variados e sem grandes contatos areais.

2 Se quisermos expandir o *continuum* apresentado em (08), podemos afirmar que a composição – processo que forma novas palavras a partir de dois vocábulos ou de duas bases presas – figura entre a expressão derivacional e a lexical. Nessa operação morfológica, dois itens lexicais independentes podem ser usados para fins de denominação, como ocorre com 'bolsa-família' e 'porta-copos'. Uma vez que as bases que participam da formação de compostos são livres ou potencialmente livres, é possível dizer que equivalem a palavras morfológicas. Compostos combinam palavras morfológicas para gerar um novo lexema (BAT-EL, 1998). Assumindo que o morfema é uma unidade de significação, identificam-se três elementos morfológicos em um composto (Spencer, 1993). Por exemplo, 'porta-níquel' não apenas rotula um objeto (tipo de bolsa), mas também veicula os conteúdos 'portar' e 'nível': os dois significados combinam-se para formar um novo conceito unificado. Por conseguinte, os conteúdos das duas palavras morfológicas são veiculados na palavra morfológica complexa, uma vez que contribuem para formá-la. Como os significados em questão aparecem representados lexicalmente em duas palavras diferentes, a composição figura entre as expressões lexical e derivacional.

3 Em Bybee (1985), o termo lexicalização é empregado em sentido bem abrangente: expressão lexical de dois ou mais conteúdos. Dessa forma, não corresponde ao que vínhamos considerando lexicalizado nos capítulos anteriores, quando analisamos o fenômeno como qualquer anomalia na forma ou no conteúdo de construções morfológicas.

4 Em outras palavras, Bybee (1985) retoma as propostas de Sapir (1921) sobre a relação entre língua e cultura: conceitos relevantes para uma dada cultura tendem a aparecer refletidos no vocabulário da comunidade falante.

5 Os significados "dimensão" e "intensidade" são sempre relativos, isto é, dependem do ponto de vista do emissor julgamentos de tamanho ou de excesso. As informações de gênero e de número, ao contrário, são absolutas e não dependem de julgamentos pré-estabelecidos pelo falante (Gonçalves, 2006).

6 As entidades do mundo externo a que se referem as formas 'juiz' e 'juíza' são diferentes. A palavra 'juizes', ao contrário, aponta para uma mesma entidade referencial, modificada apenas em termos numéricos. O referente da palavra 'juíza' é o "ser do sexo feminino que exerce a função de juiz". No caso de 'juízes', a referência não é tão pontual, uma vez que, mais genérica, aponta para um conjunto de indivíduos que tem em comum o exercício da profissão de juiz.

7 Coletivos veiculam a noção de conjunto (e não a de plural), como demonstra Piza (2001). Aparentemente, não há expressão lexical para o plural em português. Em nossa pesquisa, não conseguimos encontrar sequer um caso de expressão lexical para o número.

8 O imperativo apresenta a mesma forma de raiz que o presente. Do ponto de vista do tempo, podemos afirmar que o modo imperativo, por expressar uma ordem, veicula a noção de presente (Rocha Lima, 1975).

9 Em algumas línguas da amostra analisada por Bybee, o verbo pode apresentar um afixo de concordância com o objeto (gênero, número ou pessoa).

10 De acordo com Ilari & Geraldi (1987: 49), mudanças de voz alteram *a atribuição, aos vários participantes, dos papéis de tema e rema.*

11 Bybee argumenta que essas três noções são as que mais apresentam expressão flexional na amostra, muito embora Carstairs-McCarthy (1992), em capítulo destinado à discussão das diferenças entre flexão e derivação, discuta esses resultados, argumentando que existem contraevidências. Como a autora fala em tendências gerais, não vemos problemas em sua análise.

12 Além de */eN ... ecer/*, outros circunfixos também podem formar verbos a partir de nomes. Tal é o caso de */a ... ar/*, como ocorre em 'aclarar', 'acalmar', 'aconselhar' e 'afrancesar', entre outros. Substantivos também podem ser verbalizados através do sufixo *-ar* ('ancorar' e 'borboletar'), como mostra Basilio (1993). A questão da direcionalidade (V → N ou N → V), no entanto, é alvo de grandes discussões na literatura sobre o português (Gamarsky, 1984; Basilio, 1980).

13 A marca de terceira pessoa do plural – um <m> ortográfico ('podem') ou um ditongo nasal tônico ('poderão') – é, na verdade, o arquifonema nasal (/N/), como evidencia Mattoso Câmara Jr. (1970).

O *continuum* aplicado ao português

No capítulo "O *continuum* flexão-derivação", advoga-se a existência de um *continuum* entre a flexão e a derivação. Os chamados "determinantes da expressão flexional" (Bybee, 1985) conduzem a generalizações interessantes acerca (a) dos tipos de significado com mais chance de expressão flexional nas línguas do mundo, (b) da maior proximidade de elementos mais importantes para o significado da base e (c) dos elevados índices de fusão em conteúdos mais relevantes. No entanto, relevância e generalidade, por si sós, não possibilitam avaliar em que proporção os processos se distanciam dos ideais prototípicos ou por que uma operação é mais flexional (derivacional) que outra.

No trabalho de Bybee (1985), relevância e generalidade parecem fornecer subsídios para categorizar uma operação morfológica como discreta (e não como gradiente). Em outras palavras, não aparece operacionalizada, na prática, a ideia de escalaridade entre a flexão e a derivação. Por exemplo, sabe-se que os elementos de modo/tempo/aspecto, por sua maior relevância para o conteúdo de verbos, precedem os de número/pessoa. Seriam esses últimos menos flexionais que os primeiros somente porque são menos relevantes e mais distantes da base? Ordem e fusão são as únicas medidas de avaliação para caracterizar uma operação como mais (ou menos) flexional/derivacional? E no caso de afixos que se excluem mutuamente e que, em termos de ordem, figuram na mesma posição em relação à base, qual seria sua possível localização num *continuum*? Enfim, como medir o teor flexional/derivacional

de um afixo a partir dos expedientes apresentados no capítulo "O *continuum* flexão-derivação"?

Como a diferença entre flexão e derivação não é discreta, torna-se necessário buscar parâmetros que funcionem como medidas de avaliação para o posicionamento dos afixos ao longo do *continuum* idealizado por Bybee (1985). A autora não fornece esse instrumental. Ordem é apenas reflexo do princípio da relevância, não servindo, de modo inteiramente preciso e eficaz, para checar em que proporção um processo se afasta ou se aproxima dos extremos da escala.

A generalidade, embora mensurável, pode suscitar resultados nem sempre oportunos. Por exemplo, o *-a* de feminino é menos aplicável que os sufixos de grau, mas não parece menos flexional que *-inho*, *-ão* ou *-íssimo*, sem qualquer relevância para a sintaxe. Dessa forma, para dispor afixos ao longo de um *continuum* flexão-derivação, é necessário avaliar seu comportamento segundo aspectos que apontem para diferenças de comportamento entre esses dois tipos de operação morfológica.

Neste capítulo, tentaremos fornecer esse instrumental, comparando afixos derivacionais de diferentes tipos, o que não é feito em Bybee (1985), que se limita a contrastar categorias tacitamente analisadas como flexionais. Além disso, com base em Piza (2001), analisaremos os afixos de gênero, número e grau à luz de um *continuum* flexão-derivação.

Hierarquização de atributos

No capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação", apresentamos uma série de critérios objetivos utilizados para diferenciar as operações flexionais das derivacionais. Embora esses parâmetros sejam problemáticos, por conduzir a agrupamentos muitas vezes conflitantes, acreditamos que alguns podem ser utilizados como instrumentos para a avaliação do estatuto morfológico de afixos, na medida em que fornecem generalizações quase sempre desejáveis. Os resíduos podem ser interpretados como evidências de que a categorização realmente se processa na base de protótipos, uma vez que representantes da classe derivação podem apresentar atributos compatíveis com os da flexão, sendo sutis as diferenças entre eles e, consequentemente, entre as suas classes.

Apesar de aplicáveis com relativa eficácia, os critérios empíricos não têm o mesmo grau de preditividade, pois alguns são inoperantes na prática. Por exemplo, **função indexical** e **criação de novos afixos** fazem previsões pouco imperativas, pois servem para diagnosticar processos morfológicos extremamente marcados. Ao contrário, a **obrigatoriedade** constitui parâmetro de maior peso, já que prognostica, de modo mais abrangente e satisfatório, uma variedade maior de afixos.

Assumimos, neste capítulo, que, para checar o afastamento/aproximação dos afixos de uma língua no *continuum* flexão-derivação, os critérios empíricos podem ser hierarquizados pela preditividade. Adotando essa postura, é possível afirmar que há parâmetros mais decisivos, e que os atributos definidores da morfologia afixacional (o termo é de Bochner, 1992) não são necessariamente binários.

A formulação de uma escala hipotética de prototipicidade tem de ser baseada em instrumentos que possibilitem identificar matizes caracterizadores dos exemplares mais representativos de cada extremo. Tomando por base a representação feita em (01), a seguir, podemos afirmar que os protótipos, localizados no início e no final do *continuum*, idealmente preenchem os requisitos constantes da matriz. Nessa matriz, aparecem atributos hipotéticos definidores da classe flexão. Espera-se que afixos posicionados mais à esquerda apresentem, em maior proporção, as características especificadas nos parênteses.

(01)
+
|----------|
>>>>>>>> do mais flexional para o menos flexional

$$\begin{bmatrix} \alpha \\ \beta \\ \delta \\ \gamma \\ (\ldots) \end{bmatrix}$$

A representação em (01) ilustra o fenômeno da gradiência. Para um formativo ser representante modelar da categoria flexão, deve portar todos os atributos definidores da classe. À medida que um afixo deixa de satisfazer os requisitos, distancia-se do ideal prototípico, localizando-se em posições progressivamente mais afastadas da esquerda, por apresentar menor grau de pertencimento a essa classe.

Relevância como parâmetro gradual

O primeiro parâmetro que auxilia no diagnóstico flexional/derivacional de um afixo é a **relevância**, tal como definida no capítulo "O *continuum* flexão-derivação". Convencidos de que a relevância é gradual, podemos afirmar que, por seus significados, afixos apresentam relevância alta, média ou baixa em relação à base.

No caso dos verbos, são mais relevantes os conteúdos que afetam a descrição do evento, como, por exemplo, a voz. Significados que focalizam os participantes, como a noção de pessoa, são menos relevantes para o radical. Por fim, conteúdos que se relacionam com a situação comunicativa têm relevância média, a exemplo do modo.

Nos nomes, são mais importantes os significados que alteram a entidade referida. Elevados graus de relevância se associam às expressões lexical e derivacional, ao passo que relevâncias mais baixas estão constantemente vinculadas à expressão sintática. Caso, definitude e gênero são categorias nominais que quase sempre se manifestam por expedientes morfológicos nas línguas do mundo. Mudanças no gênero produzem alterações nas entidades referidas, ao passo que o caso sinaliza relações entre constituinte da sentença e a definitude revela o lugar do nome no discurso. Diferentemente do gênero, o caso e a definitude têm menos efeitos diretos sobre a descrição da entidade e, por isso, são menos relevantes para o nome. Apesar de mais relevante que o caso e a definitude, o gênero é menos relevante que o grau, haja vista que a dimensão e a intensidade envolvem avaliação subjetiva por parte do falante.

Conteúdos que afetam a entidade referida são os que produzem as maiores alterações de significado (têm relevância alta). Por outro lado, conteúdos que pressupõem relações apenas estruturais, como o caso, têm relevância mais baixa. Por fim, apresentam relevância média os significados dêiticos, cuja função é a de situar o nome no discurso, como a definitude.

Significados com relevância média são candidatos potenciais à maior proximidade do extremo esquerdo do *continuum* formulado em (01). No caso dos verbos, é possível afirmar que as marcas de concordância apresentam baixa relevância para as bases por estarem relacionadas aos participantes do evento. Valência e aspecto, ao contrário, fazem referência direta ao evento e, por isso, têm alta relevância. Por fim, tempo e modo, como modificam somente a descrição do evento, apresentam relevância média. Dessa forma, os afixos de modo/tempo estariam localizados mais à esquerda do *continuum*.

Ao analisar a relevância como propriedade gradiente, é possível situar as operações tipicamente flexionais mais próximas do extremo esquerdo da escala. Apesar de funcionar em inúmeros casos, esse parâmetro não permite distinguir o grau de proximidade/distância das operações niveladas em termos de relevância. Por exemplo, nos processos com feição mais derivacional, a relevância é sempre alta. O acréscimo de *-al* ou de *-eiro* a uma base como 'coco' cria novos referentes: 'coqueiro' é a árvore que produz cocos e 'coqueiral', o local onde se concentram plantações dessa fruta. Se quisermos atribuir um grau para a relevância dos significados de *-eiro* e de *-al* em relação à base, somos levados a dizer que é elevado, pois, em ambos os casos, o referente deixa de ser 'coco'. Pelo critério da relevância, não é possível afirmar ser *-al* menos (mais) derivacional que *-eiro*.

Vejamos outro exemplo. Os sufixos *-douro* e *-dor* se anexam a bases verbais e manifestam, nesta ordem, os conteúdos "local" e "agente", como em 'bebedouro' e 'bebedor', respectivamente. Sem dúvida alguma, os dois afixos são extremamente importantes para o significado da base, uma vez que mudam a classe e nomeiam entidades. Dessa forma, não há como decidir qual deles está mais próximo do lado direito do *continuum*, uma vez que têm o mesmo grau de relevância e não aparecem juntos numa mesma palavra.

Por outro lado, se entendemos que fusões constituem reflexos de variadas relações de relevância (Bybee, 1985: 18), podemos diferenciar os conteúdos expressos por diferentes afixos pelo número de formas com expressão lexical. Nesse caso, a fusão vem a ser uma importante medida, pois possibilita avaliar, de modo mais objetivo, a importância do significado do afixo para o significado da base.

Em linhas gerais, reconhecemos três níveis de fusão: (a) alto – quando o conteúdo de um formativo é representado por um grande volume de formas monomorfêmicas com expressão lexical; (b) médio – quando um pequeno conjunto de palavras monomorfêmicas remete ao significado do afixo; e, finalmente, (c) baixo – quando praticamente não se encontram expressões lexicais para o conteúdo em exame.

A primeira situação é exemplificada com o sufixo *-douro*, que aparece em construções como 'bebedouro', 'ancoradouro' e 'abatedouro', cuja paráfrase mais apropriada é a de "local onde ação de x é realizada". Por ser extremamente relevante, esse conteúdo se atualiza numa enorme variedade de formas que remetam ao lugar em que um evento acontece. Por exemplo, o substantivo 'cama' pode ser interpretado como "o local em que se dorme", da

mesma forma que 'academia' é o "lugar onde se malha". Há, em português, uma infinidade de substantivos que implicitamente veiculam o conteúdo de *-douro*, como, entre outros, 'escola', 'maternidade' e 'igreja'.

Na segunda situação, relevância média, encontram-se afixos como o *-a* de feminino. Existe, na língua portuguesa, um grupo de femininos monomorfêmicos que se opõem aos masculinos com outro radical. Dentre vários exemplos, temos 'cabra', 'nora' e 'vaca'. Esse conjunto, no entanto, não é tão extenso quanto o primeiro. De fato, pares supletivos que estabelecem esse contraste não são tão numerosos assim. Talvez seja possível contar quantas são as raízes heteronímicas que estabelecem oposição de sexo, tarefa inimaginável, por exemplo, para os pares de palavras que se distinguem em função do significado "contrário" ('triste' x 'feliz'; 'feio' x 'bonito'; e 'velho' x 'novo'). Portanto, a fusão associada ao *-a* de feminino pode ser considerada média.

Por fim, temos o baixo número de expressões lexicais. Nessa situação, encontram-se os afixos de tempo/modo e o *-s* de plural. São raros os casos de expressão lexical para tempo/modo. Nos verbos, a fusão aparece com maior frequência no próprio radical, que assume feição fonológica diferente para marcar a sobreposição do conteúdo lexical com o gramatical. Tal é o caso de 'pôr', já comentado, cujas diferentes realizações da base ('puS', 'poN', 'poR' e 'poS') sinalizam fusões de tempo/modo.

A relevância pode ser medida pela fusão, já que esta é consequência daquela. Como na relevância, é possível admitir diferentes graus de fusão e utilizar o volume de casos de expressão lexical como ferramenta analítica para o controle do grau de flexionalidade dos afixos.

Relevância e ordem

Como a sequenciação linear dos formativos decorre do princípio da relevância, a ordem indicia o tipo de expressão mais prototípico. Afixos que bloqueiam a anexação de outros tendem a ser mais flexionais que elementos não periféricos. Por exemplo, a marca de plural é sempre a última nos nomes, impedindo a expansão da palavra:[1] nenhum outro formativo pode ser anexado após o *-s* de plural. Nos dados agramaticais em (02), comprova-se que esse formativo é responsável pelo fechamento/acabamento dos nomes.

(02)

*casa+s+eiro	*velha+s+mente
*garot+s+a	*amor+es+oso
*novo+s+idade	*bater+s+ista

O *-a* de feminino, embora venha sempre depois de quase todos os sufixos, não impede anexação do *-s* de plural, sendo, pois, menos periférico. Outra evidência de que *-a* não constitui elemento final é a formação de advérbios em *-mente* a partir de adjetivos. Em construções como 'belamente' e 'sinceramente', o sufixo *-mente* se anexa a formas de feminino, impedindo o acréscimo de qualquer outro formativo, inclusive o de plural ('*belamentes' e '*sinceramentes'). Resumindo, afixos que se posicionam mais à direita da palavra tendem a ser mais flexionais que aqueles que não bloqueiam a anexação de outros.

A ordem tende a revelar o maior/menor teor flexional/derivacional de um processo morfológico. Apesar de extremamente importante, esse parâmetro não é suficiente para dispor afixos ao longo de um *continuum*, pois há formativos que, devido a seus significados, naturalmente disputam o mesmo lugar na cadeia sintagmática, excluindo-se mutuamente.

Os agentivos denominais exemplificam bem essa disputa. Segundo Gonçalves & Costa (1998), *-eiro*, *-ário*, *-ista*, *-ógrafo* e *-ólogo* estão em distribuição complementar na formação, a partir de bases substantivas, de agentes referentes a profissões/ofícios. Há gradação quanto à especialização, à educação formal e ao prestígio das profissões:

(03)

-eiro >>>>>>	-ário >>> >>>	-ista >>> >>>	-grafo >>>>>>	-logo
coveiro	ferroviário	jornalista	topógrafo	museólogo
sapateiro	boticário	foneticista	papirógrafo	psicólogo
sorveteiro	comissário	dentista	geógrafo	geólogo

>>>>> maior grau de especialização/educação formal/prestígio

Por estarem em distribuição complementar, os sufixos em (03) não co-ocorrem, não sendo possível determinar, pela ordem, qual deles é mais (menos) derivacional. Com relação à relevância, também não há meios de posicioná-los num *continuum*, já que todos modificam a referência (de objeto para humano), apresentando igual importância para o conteúdo das bases.

Também pela ordem não é possível determinar a maior/menor proximidade do extremo derivacional em sufixos como *-idade* e *-mente*. Os dois

alteram categorização lexical da base, sendo que o primeiro forma substantivos ('morosidade') e o segundo, advérbios ('morosamente'). Por suas funções, esses afixos se excluem mutuamente, selecionando o mesmo tipo de base (adjetivos) para promover diferentes mudanças de classe. Além disso, são os últimos na estrutura morfológica dos nomes e bloqueiam o acréscimo de qualquer outro sufixo:

(04)	*felicidadíssima	*felizmentíssima
	*lealdadeiro	*lealmenteiro
	*novidadiano	*novamentiano

Resumindo, relevância e ordem são mais úteis no diagnóstico dos processos morfológicos como discretos que como gradientes e parecem mais aplicáveis a afixos considerados flexionais, não sendo muito interessantes na comparação de afixos com perfil mais derivacional.

Conteúdo mínimo, generalidade e mudança de classe

Para ser flexional, um processo deve apresentar conteúdo mínimo. Do contrário, não será aplicável a um número considerável de bases, perdendo em generalidade. Dessa maneira, o significado do formativo indicia sua maior (menor) natureza derivacional. Ilustremos essa situação comparando dois sufixos que, nos termos de Basilio (1987), apresentam função sintática: *-dor* e *-ção*. Em ambos os casos, tem-se a transformação de um verbo em substantivo, sendo que no primeiro, adicionalmente, se veicula a ideia de agente – humano (primeira coluna) ou instrumental (segunda):

(05)	trabalhador	computador
	operador	espremedor
	legislador	acendedor
	matador	liquidificador

O conteúdo de *-dor* é mais específico que o de *-ção*, uma vez que esse sufixo (a) nominaliza o verbo e (b) caracteriza um indivíduo ou um objeto como executor da ação expressa na base que serve de *input* à formação. Por seus

significados, *-dor* e *-ção* apresentam diferentes graus de generalidade, sendo o segundo mais aplicável que o primeiro. Assim, *-dor*, que muda classe e nomeia um agente, parece mais derivacional que *-ção*, cuja aplicabilidade é, sem dúvida alguma, bem maior.

Significados mais abrangentes são característicos de processos que não modificam classes. Comparemos *-ismo*, de 'historicismo', 'romantismo' e 'darwinismo', com *-ivo*, de 'comemorativo', 'contemplativo' e 'descritivo'. O primeiro, que não apresenta função sintática, manifesta o significado de "doutrina, orientação ideológica ou formas de comportamento" (Sandmann, 1989: 42), ao passo que o segundo, cuja principal função é a mudança de classe, pode ser parafraseado por "pertinência ou qualidade de X" (Cunha, 1975: 143). Conclui-se, portanto, que o conteúdo de *-ismo* é mais específico que o de *-(t)ivo*, cuja contribuição semântica é menor. Por atualizar um significado mais geral, *-(t)ivo* é mais aplicável que *-ismo*: seu significado mínimo possibilita anexação a um número maior de bases, apresentando, portanto, menos restrições de aplicabilidade.

O conteúdo de processos que mudam classes se assemelha ao das flexões em termos de generalidade. Dessa forma, o slogan "morfologia que muda classe é sempre derivacional" não parece inteiramente consistente, pois, como mostra Bybee (1985: 85), *operações que alteram a categoria sintática da base podem ser consideradas flexionais em muitas línguas*, possuindo aplicabilidade até maior que a de muitas categorias *ordinariamente analisadas como flexão*.

Um exemplo que contraria tal *slogan* é o das formações x-*mente*. Embora altere a especificação lexical da base, *-mente* apresenta conteúdo mínimo e, por isso mesmo, qualquer adjetivo pode ser adverbializado com esse sufixo. Sem dúvida alguma, *-mente* é mais aplicável que o *-a* de feminino, formando paradigmas mais regulares. Como a flexão tem de apresentar alto grau de generalidade, qualquer membro de uma classe sintática específica deve receber a marca morfológica. Esse requisito não falta a *-mente*, o que faz dele um candidato potencial a ocupar, no *continuum* apresentado em (01), posição mais distanciada da derivação prototípica.

Previsibilidade

Neste item, comentaremos brevemente o que chamamos de graus de previsibilidade dos processos morfológicos. Nossa descrição está fundamentada

em Rocha (1994: 21-7), para quem a flexão se diferencia da derivação pela produtividade com elementos morfológicos exclusivos/específicos.

Como ressaltamos no item precedente, processos de afixação diferem em termos de aplicabilidade, pois uns são mais gerais que outros. No caso das flexões canônicas, a aplicabilidade é plena e a ocorrência de formas, absolutamente natural e quase mecânica. Ao contrário, com as derivações mais prototípicas, a situação se inverte: a aplicabilidade é relativamente baixa e nem sempre é assegurada a ocorrência de formas, em função de fatores como, por exemplo, o bloqueio e a incompatibilidade semântica. Se analisarmos a aplicabilidade em relação à previsibilidade de formas, obteremos generalizações bastante interessantes. O conteúdo "pretérito imperfeito do indicativo" manifesta-se de forma regular e sistemática em português e aparece associado, via de regra, ao sufixo *-va* (ou à variante *-ia*). De fato, nenhum outro formativo veicula a ideia expressa por *-va*, além de não existir qualquer outro expediente – sintático ou fonológico ou lexical – que leve ao significado em questão. Há, portanto, elevado grau de previsibilidade na ocorrência de formas que atualizam a noção de "imperfeito do indicativo", sendo a anexação de *-va* a estratégia acionada para representar esse conteúdo.

A mesma previsibilidade caracteriza a manifestação do número, nos nomes. A regra a seguir formalizada (Rocha, 1998) será acionada sempre que tivermos necessidade de expressar o plural de substantivos e adjetivos: nenhum outro formativo remete a esse significado, que só se materializa morfologicamente em português, não havendo, portanto, concorrência de estratégias.

(06) $[X]_N \rightarrow [X]_N\text{-s}]_N$
"plural"

São altamente previsíveis as expressões de número e de tempo/modo; todavia, o mesmo não acontece com o grau. Embora sejam plenamente aplicáveis à classe dos nomes, havendo, em consequência, grande generalidade, os significados "dimensão" e "intensidade" podem manifestar-se sintaticamente (x pequeno = x-inho; muito x = x-íssimo). Além disso, não há previsibilidade quanto à utilização de um elemento morfológico específico. Sem dúvida alguma, é possível prever a existência de substantivos morfologicamente modificados em grau, dada a alta generalidade dos valores expressivos associados à gradação. A forma resultante, porém, não é necessariamente produzida com um sufixo específico. Mostramos, em (07), que outros elementos

morfológicos podem veicular os conteúdos "diminutivo" (primeira coluna) e "aumentativo" (segunda):

(07)

casebre	casarão
homenzico	homenzarrão
livreco	livraço
lugarejo	beiçorra
ruela	cagalhão
salícula	salaço

Se, por um lado, é generalizada a expressão morfológica do grau, por outro, não é inteiramente previsível o afixo responsável pela veiculação dos significados "dimensão" e "intensidade", como comprovam os dados em (07). De fato, é possível antever uma construção morfológica que expresse gradação, mas não é possível prever o sufixo que a forma resultante apresentará.

Raciocínio semelhante pode ser encaminhado ao fenômeno da nominalização de verbos. Não restam dúvidas de que esse processo é bastante geral e produtivo em português (Basilio, 1980; Leitão de Almeida, 2001; Basilio, 2003; Lemos de Souza, 2010). Dado um verbo, é possível cogitar a existência de um substantivo deverbal correspondente, o que comprova ser o processo aplicável em larga escala. A previsibilidade de se formarem nomes a partir de verbos não é, no entanto, diretamente proporcional à correspondência com um sufixo específico. Os dados em (08) evidenciam que a nominalização pode ser processada a partir de pelo menos três afixos: *-ção*, *-mento* e *-agem*, sem contar com os casos de derivação regressiva ('fala', 'venda', 'compra'):[2]

(08)

discriminação	embalsamento	lavagem
moralização	acontecimento	espionagem
dedetização	discernimento	vadiagem
reação	acabamento	agiotagem

Processos morfológicos gerais podem estar vinculados a mais de um afixo. Por essa razão, a previsibilidade é relativamente baixa: não há obrigatoriedade de expressão morfológica nem de utilização de um afixo específico.[3] Portanto, operações bastante aplicáveis não são necessariamente previsíveis em termos de manifestação afixal.

O mesmo acontece, por exemplo, com *-mente*. Não é obrigatório o uso desse sufixo para exteriorizar o conteúdo "de modo x", como se observa nos

dados em (09), que pode ser veiculado por uma locução adverbial. Apesar de geral, o processo de adverbialização de adjetivos não é previsível com relação ao afixo, uma vez que a formação de advérbios, quando morfológica, pode se manifestar pelo acréscimo de *-mente* ou por adjetivos adverbializados que, como os advérbios, não variam em gênero ou número, como atestam os dados em (10).

(09) Fulano apresentou seu relatório
- convincentemente.
- de modo convincente.
- de forma convincente.

(10) Fulana fala rápido/alto/baixo/sério.
Sicrana comprou parcelado/caro/barato.
Ela me olha atravessado.
A cerveja que desce redondo.

Como a previsibilidade é um parâmetro escalar, podemos graduá-la da seguinte maneira:

(11)

Grau	Comportamento dos Afixos	Exemplos
Alto	Processos gerais (muito aplicáveis), com manifestação apenas morfológica	Sufixação de plural; afixação das marcas de tempo/modo e número/pessoa
Médio	Processos gerais, com expressão morfológica e outras formas de manifestação, menos usais que a morfológica	Formações x-*mente*
Baixo	Processos gerais, com expressão morfológica a partir de vários afixos	Construções agentivas; nominalização; gradação

Derivações podem ser caracterizadas por altos graus de aplicação a formas da língua, principalmente as que promovem mudanças de classes. No entanto, o parâmetro **previsibilidade** possibilita diferenciar, de modo mais abrangente e satisfatório, (a) flexões prototípicas de operações aplicáveis em larga escala e (b) processos derivacionais gerais. Uma abordagem que concilie aplicabilidade e previsibilidade consegue chegar a generalizações interessantes sobre o comportamento flexional/derivacional dos afixos de uma língua.

Outras medidas de avaliação

De todos os aspectos discutidos no capítulo "Das diferenças entre flexão e derivação", os mais aplicáveis são, em ordem de importância, o **lugar da cabeça** e a **lexicalização**. Acreditamos que esses critérios possam ser utilizados como ferramentas de trabalho, isto é, como fontes de referência para a medição da flexionalidade de afixos. Por isso, tecemos alguns comentários sobre eles e sobre sua efetiva utilização na checagem que nos interessa.

O parâmetro **posição da cabeça lexical** caracteriza os afixos de grau como flexionais e, em função disso, não é inteiramente adequado para estabelecer uma separação discreta entre a flexão e a derivação. No entanto, esse critério pode constituir importante ferramenta analítica, caso estejamos interessados em medir o grau de proximidade/distância dos extremos num *continuum*. Como atributo binário, o parâmetro em questão sinaliza que a cabeça lexical aparece à esquerda nos processos modelarmente flexionais ('envelope-*s*') e à direita, nos tipicamente derivacionais ('jamb-*eiro*').

A lexicalização implica perda da composicionalidade morfológica e/ou semântica e é um fenômeno identificável na flexão e na derivação. Uma vez que foi operacionalizada em termos absolutos, a lexicalização de fato não serviu para segregar as duas morfologias. Caso seja aplicado em termos relativos, sem referência ao estatuto das marcas morfológicas, esse parâmetro também auxilia na distribuição dos afixos ao longo de um *continuum* de prototipicidade. Assumindo que a lexicalização é mensurável, distinguimos três situações quanto à frequência desse fenômeno: (a) alta – quando se observam muitas irregularidades (formais ou semânticas), como ocorre com a expressão do grau, que apresenta grande volume de formas lexicalizadas; (b) média – quando um processo é caracterizado pela presença de desvios isolados de significado ou de forma, a exemplo da marca de feminino, com pequenos casos de palavras em que o *-a* deixa de expressar uma oposição de sexo; e, por fim, (c) baixa – quando se observam anomalias isoladas na forma ou significado, a exemplo dos sufixos de número/pessoa, com casos esporádicos de lexicalização ('cheguei', uma forma de 1ª pessoa do singular, pode ser utilizada como adjetivo em 'achei sua blusa muito cheguei').

No quadro em (12), sistematizamos as medidas que servem de referência para o grau de flexionalidade dos afixos. Esse quadro substitui a matriz apresentada em (01), montada a partir de parâmetros hipotéticos (α, β, δ e γ).

(12)

Parâmetros	[- Flexional] <<<<----------->>>> [+ Flexional]			
Relevância	**Alta**	**Baixa**	**Média**	
Fusão	**Alta** inúmeros casos de expressão lexical	**Média** alguns casos de expressão lexical	**Baixa** pequeno número de formas da língua que veiculam o conteúdo do afixo	
Ordem	Inicial	Medial	Final	
Mudança de classe	Com mudança		Sem mudança	
Generalidade	**Baixa** existência de muitas lacunas; aplicação muito restrita	**Média** processos com grandes restrições de aplicabilidade	**Alta** processos com grande aplicabilidade, sem lacunas ou com baixa restritividade	
Previsibilidade	**Baixa** vários formativos e diferentes estratégias linguísticas levam ao conteúdo do afixo		**Média** um único afixo e estratégias não morfológicas	**Alta** um único afixo e expressão só morfológica
Cabeça lexical	À direita		À esquerda	
Lexicalização	**Frequente** muita irregularidade na forma ou no significado de construções morfológicas com o afixo		**Média** poucos desvios de forma ou de significado	**Baixa** casos isolados de desvio

Flexões canônicas idealmente apresentam os requisitos especificados nas últimas colunas. Quando um afixo deixa de portar os atributos mais à direita, progressivamente se afasta do ideal prototípico, localizando-se em posições cada vez mais distantes do protótipo flexão. Assim, afixos com maior grau de

pertencimento à classe são marcados por um número maior de características dessa categoria. No próximo item, faremos um pequeno estudo de caso.

Estudo de caso

Comecemos a testagem das previsões feitas neste capítulo com uma breve análise da nominalização deverbal. De acordo com Leitão de Almeida (2001: 3), *nominalizações encontram-se a meio caminho entre derivação e flexão, porque afetam tanto o aspecto material quanto o relacional das bases*. De fato, com a formação de substantivos, (a) verbos são transformados em entidades, tornando os nomes *referentes do discurso* (p. 3), (b) apaga-se a categoria tempo e (c) altera-se a valência. Para Leitão de Almeida (2001: 4), são categóricas as modificações de valência nos verbos transitivos, que, como nomes, não necessariamente obrigam a explicitação do objeto direto, como se vê em (13):

(13) Pedro encontrou Paulo na fila do cinema.
O encontro de Pedro na fila do cinema.

Por alterarem a referência, sufixos deverbais apresentam alta relevância para o conteúdo das bases. Além disso, modificam a valência, o que constitui indício de que a mudança de classe é extremamente importante para o significado da palavra. Esse aspecto, a relevância, nos levaria a afirmar que nominalizações deverbais constituem operações morfológicas com feição mais derivacional em português.

Quanto à expressão lexical de conteúdos expressos por nominalizações deverbais, existe um grande contingente de nomes que, embora sem qualquer correspondente verbal, remetem a cenas evocadas por verbos. Esses substantivos se comportam como deverbais, na medida em que veiculam a noção de evento e admitem complementação nominal.

(14)

medo	raiva	alvo
meta	lógica	paixão
ato	rancor	misericórdia

Por seus significados, muitas formas de (14) geram ambiguidades. Na sentença apresentada em (15), a seguir, o sintagma preposicionado 'de José'